



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

2026 – 30 de maio

520 anos da confirmação e aprovação do Tratado de Tordesilhas – 500 anos da descoberta do Rio São Francisco – 470 anos da morte de Santo Ignácio de Loyola – 410 anos da fundação do Forte do Presépio, futura Santa Maria de Belém do Grão Pará – 400 anos da travessia do Rio Uruguai pelo padre Roque Gonzalez de Santa Cruz – 350 anos da instalação do Bispado do Rio de Janeiro – 350 anos do início da fundação de Laguna, hoje SC – 330 anos da fundação da Escola de Artilharia e Arquitetura Militar em Salvador – 300 anos da fundação da Ilha do Desterro, hoje Florianópolis e de Fortaleza, CE – 250 anos da retomada da Vila de Rio Grande aos espanhóis – 230 anos do 2º Tratado de Santo Ildefonso – 220 anos do Bloqueio Continental imposto por Napoleão – 210 anos da Campanha da Cisplatina – 200 anos do falecimento da Imperatriz Dona Leopoldina – 190 anos da Proclamação da República Riograndense – 170 anos da mudança de nome da cidade de Barra do Rio Negro para Manaus – 160 anos da invasão do Paraguai pela Tríplice Aliança, Batalha de Tuiuti e morte de Antônio de Sampaio – 140 anos de falecimento de Mallet – 120 anos da reformulação das FA e da regulamentação do Serviço Militar Obrigatório – 110 anos do final da Guerra do Contestado – 80 anos da Primeira Assembleia Geral da ONU.

2026

Maio

Nº 507

SOLIDARIEDADE IBERO-AMERICANA - MARÇO DE 2026 - EDITORIAL

Guerra ao Irã, um monumental erro histórico

**“À guerra cavaleiros esforçados! Pois os anjos
sagrados em socorro estão em terra.**

À guerra”.

Gil Vicente

O renovado ataque dos EUA e Israel ao Irã constitui um erro de cálculo de vastas proporções, principalmente, para o presidente Donald Trump. A começar pelo emprego deliberado de uma fachada de diplomacia para ocultar a intenção da investida militar, aliás, repetindo o precedente de junho último, na chamada Guerra dos 12 Dias. De agora em diante, os inconfiáveis EUA terão grandes dificuldades para praticar a verdadeira arte diplomática fora dos seus circuitos de influência direta - Europa, Japão, Coreia do Sul e outros apêndices.

Outro equívoco foi a crença de Trump e alguns de seus auxiliares diretos na possibilidade de repetição da tática israelense de decapitação do comando adversário, na esperança de provocar desordens internas e a sua eventual capitulação rápida. Ao contrário, como advertiram vários experts, inclusive a própria CIA, era grande a probabilidade de que, em caso de sua eliminação, o substituto do líder iraniano Ali Khamenei seria alguém mais radical que reforçasse a posição dos linhaduras do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica, a espinha dorsal do regime iraniano, o que parece estar se configurando.

O reduzido estoque de munições disponíveis às forças estadunidenses, depauperado pela guerra de junho e pela campanha na Ucrânia, constituía outra limitação séria, como advertiu o chefe do Estado-Maior Conjunto, general Dan Caine, cujas palavras foram distorcidas pelo próprio Trump para sugerir que uma investida contra o Irã não duraria mais que alguns dias. Em especial, no caso dos mísseis antimísseis, que, como em junho, correm o risco de esgotar-se rapidamente, diante das contínuas salvas de drones e mísseis iranianos.

Como têm enfatizado numerosos comentaristas dos próprios EUA, inclusive ex-militares e ex-oficiais de inteligência, os EUA mergulharam em uma guerra que não podem vencer.

Em essência, os EUA podem estar diante de um maiúsculo revés estratégico e Trump corre o risco de enfrentar dificuldades crescentes no restante de seu mandato, principalmente, se o Partido Republicano perder a maioria nas duas casas do Congresso, nas eleições de novembro próximo.

Além disso, na medida em que a guerra entra na quarta semana, é evidente que o Irã não se curvará à agressão e que esta "não derrota" será equivalente a uma vitória sobre duas potências hegemônicas que baseiam o seu poderio na capacidade de impor "manu militari" as agendas das suas estruturas dirigentes. Fato que tende a acelerar o por si só já irreversível declínio estratégico dos EUA e do Israel de "Bibi" e seus correligionários supremacistas.

SÍNTESE DO PENSAMENTO DE IMMANUELL KANT

Luiz Ernani Caminha Giorgis(*)

"Age apenas segundo uma máxima, tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal". (O imperativo categórico da moralidade).

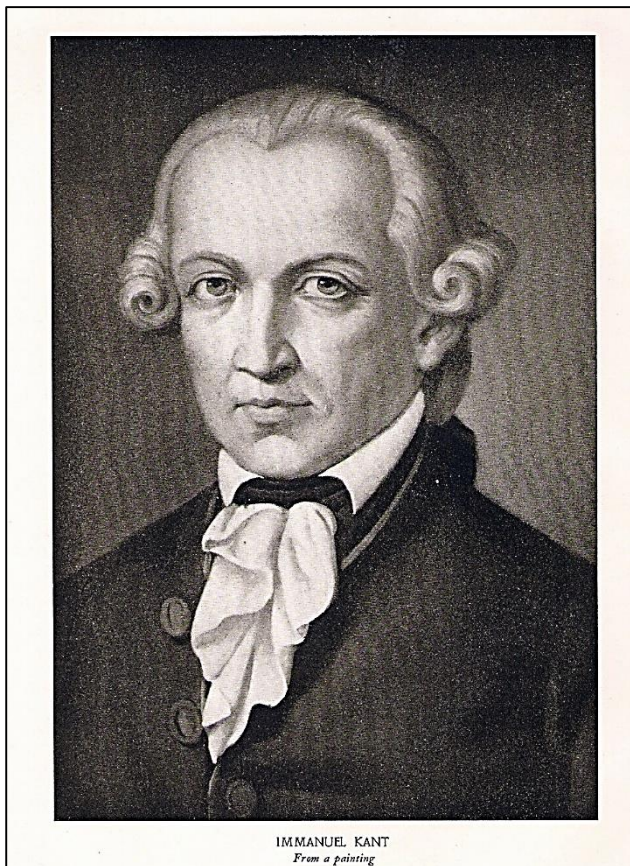
"O homem é o único ser que precisa ser educado".

Kant

Nascido em uma modesta família de artesãos, em Königsberg, na Prússia Oriental¹, Immanuel Kant é certamente um dos maiores expoentes da modernidade do pensamento.

Nasceu ele em 22 de abril de 1724. Faleceu em 12 de fevereiro de 1804, aos 79 anos, no mesmo local.

¹ Hoje Kaliningrado, Rússia.



Seu pai, Johann Georg Kant (1683-1746) era fabricante de arreios para animais de tração e montaria. Johann e sua esposa, Anna Regina Kant, mãe de Immanuel, eram seguidores fervorosos do pietismo, uma vertente luterana que valorizava a disciplina, a vida simples e a obediência moral estrita, o que influenciou profundamente a educação e o pensamento posterior do filósofo. Embora paradoxal este ambiente religioso o fez, mais tarde, afastar-se da religião.

O menino Immanuel foi o quarto de nove irmãos. A maioria morreu na infância, com quatro deles falecendo cedo. Após a morte de seu pai, Immanuel e suas irmãs mais novas ficaram desamparados, com as mais velhas trabalhando como camareiras.

Todos os estudos dele foram realizados na sua cidade natal, que tinha uma boa estrutura educacional. Licenciou-se assim em Filosofia, Matemática e Física. Dedicou-se, particularmente e profundamente, aos protocolos filosóficos de Gottfried Wilhelm Leibniz e da Física de Isaac Newton.

Cursou a Universidade de Königsberg onde, depois, trabalhou durante 15 anos como livre-docente e, a partir de 1770, como catedrático de Lógica e de Metafísica. Foi aluno e, mais do que isto, discípulo

de Martin Knutzen², sendo que, este, por sua vez, era discípulo de Christian Wolff³.

Com exceção de um breve período no qual foi professor em uma cidade vizinha, Immanuel sempre residiu na cidade natal, e sempre em torno da Universidade local.

Um de seus diversos biógrafos salienta que ele era metódico e muito regular, ou rotineiro: levantar-se, alimentar-se, ministrar aula, almoçar, escrever, passear e jantar. Cada uma destas ações tinha um tempo certo. Quando saía para passear⁴ na pequena alameda de tílias próxima à sua casa os vizinhos podiam acertar seus relógios: eram exatamente 1530 h. Esta alameda se chama, hoje o – Passeio do Filósofo.

Aos 70 anos, já desgastado pela idade, escreveu um ensaio⁵ chamado: “Sobre o poder do Espírito para Dominar a Doença com a Força da Vontade”. Sua vida era dominada pela reflexão e pelo método.

Os seus biógrafos dizem que ele, de tanto pesar os prós e os contras das coisas, permaneceu celibatário. E ainda, que o casamento “lhe estorvaria a procura da verdade”⁶.

Aos 22 anos decidiu: “Já tracei a linha que pretendo seguir. Vou começar minha carreira e nada me impedirá de continuá-la”. Desprezou, assim, a riqueza, a comodidade e a fama. Durante 15 anos ele trabalhou fervorosamente nas duas principais obras, as duas críticas: da Razão Pura e da Razão Prática.

Immanuel Kant foi o principal pensador do Iluminismo alemão e sua obra revolucionou a epistemologia (teoria do conhecimento), além da ética e da estética.

O trabalho de Kant é dividido em duas fases. A primeira foi a fase pré-crítica, anterior a 1770, e a segunda o período crítico, a partir da sua famosa dissertação de 1770, quando começou a filosofia propriamente dita. Nesta segunda fase o filósofo desenvolveu toda a sua visão sobre a origem, a natureza e os limites do nosso conhecimento como seres humanos.

² Knutzen foi um dos primeiros filósofos na Alemanha a aceitar, ao menos parcialmente, a teoria newtoniana da atração gravitacional. Destacou-se mais não como filósofo mas sim por ter sido professor de Kant.

³ Wolff foi um filósofo polímata (aquele que estuda ou que conhece muitas ciências) alemão. Foi o mais eminente filósofo alemão entre Leibniz e Kant. A sua obra abrangeu quase todos os assuntos acadêmicos da sua época, expostos e desenvolvidos de acordo com o seu método matemático demonstrativo-dedutivo, que alguns consideram o auge da racionalidade iluminista na Alemanha.

⁴ Em todas as estações do ano, inclusive no inverno.

⁵ Ensaio: gênero de abordagem temática na qual o autor expressa suas opiniões, mas não se compromete com afirmações ou dogmas. O ensaio é opinativo, argumentativo e expositivo. Geralmente, divide-se em Introdução, Desenvolvimento e Conclusão.

⁶ Uma das teses de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) um século depois de Kant.

Sua obra mais célebre é a Crítica⁷ da Razão Pura, onde ele apresenta os princípios do idealismo transcendental.

Entretanto, sua densa produção literária lhe rendeu, além do clássico “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” (1985), três grandes obras do chamado criticismo: as duas críticas (da Razão Pura e da Razão Prática, já citadas) e a Crítica da Faculdade do Juízo (1790).

A epistemologia⁸ de Kant

Em sua “Crítica da Razão Pura”, Kant se dedica ao estudo da epistemologia, compreendida como a filosofia do conhecimento. O pensador se propõe a investigar os limites do conhecimento humano. Para tanto, realiza um exame racional das faculdades cognitivas humanas, fazendo alusão a dois importantes tipos de juízo: juízos analíticos e juízos sintéticos. Ambos os juízos são encontrados tanto no campo das “ciências” puramente ideais/metafísicas (a exemplo da matemática) quanto no das ciências empíricas (física, química etc.).

Assim, nos juízos analíticos, “o predicado já está de certo modo ‘contido’ no sujeito, pelo que estes não são realmente informativos e servem apenas para clarificar o que está implícito nos nossos conceitos”. É o que ocorre se alguém diz que “tudo que é verde tem cor” ou “todos os corpos são extensos”, na medida em que a cor é algo inerente ao verde, do mesmo modo que a extensão é elemento dos corpos. Em síntese, nas frases ou juízos analíticos, a sua validade é extraída unicamente da compreensão do seu significado.

Por seu turno, os juízos sintéticos seriam genuinamente informativos, pois o predicado não está contido no sujeito. Consequentemente, a sua validade não se deve apenas ao significado da ideia. Dizer, por exemplo, que “a folha é verde” é um juízo sintético e, portanto, passível de verificação empírica, na medida em que os sentidos de “folha” e “verde” não são necessariamente sobrepostos.

A “Razão Pura” é aquela parte do entendimento que não depende dos sentidos. Em suma, é a capacidade que temos de formar, criar ou aperfeiçoar conhecimento em virtude da natureza e estrutura desta mesma razão⁹ (Barsa). Ou seja, a experiência sensível só nos dá aquilo que é, mas nada nos diz do que deva ser necessariamente assim e não de outro modo. Isto só a razão nos pode dar.

A fonte da moralidade conforme Kant

No domínio da ética, Kant se destina a estudar a fonte da moralidade, ou seja, a “fundamentação da metafísica dos costumes”. Qual seria o princípio supremo da moralidade? Essa é a questão que pretende responder. Para isso, o autor inicialmente rejeita algumas perspectivas influentes da época. De início, Kant rejeita a ideia de que a fonte da ética ou da moralidade (sinônimos) seria a vontade de Deus.

De igual modo, ele rejeita também o arbítrio de uma sociedade que cria seu código moral de maneira arbitrária, sem alicerce racional. Afasta-se, portanto, da ideia de que o princípio supremo da moralidade seria imposto por uma autoridade exterior. Seguindo sua linha de raciocínio, o autor rejeita a linha contratualista (Hobbes, Locke, Rousseau), que compreende a ética como o resultado de um contrato social, um pacto feito pela sociedade, com o objetivo de preservar interesses como a segurança jurídica e a paz. Isso porque, para ele, seria incorreto reduzir a moralidade a um acordo mutuamente vantajoso.

Chega-se então à seguinte questão: será que a razão seria o fundamento da moralidade? Autores empiristas como David Hume, embora reconhecendo a função teórica da razão no campo das ciências e do conhecimento, não concordavam com essa ideia. Acreditavam que “a razão pode dizer-nos em que acreditar, mas, por si, não nos diz como agir”.

Kant discorda disso. Ele defende que a razão prática é a fonte do princípio supremo da moralidade. E aqui está um dos princípios mais importantes da filosofia Kantiana. Consequentemente, agir moralmente

⁷ Crítica em Kant não significa ataque ou crítica destrutiva e sim análise crítica.

⁸ Epistemologia: do grego, onde “episteme” significa “conhecimento” e “logos” significa “estudo” ou “discurso”. Portanto epistemologia é o estudo do conhecimento. O termo foi estabelecido pelo filósofo escocês James Frederick Ferrier em 1856. É uma reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano, especialmente nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte, as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo. Teoria do conhecimento. Estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história; teoria da ciência.

⁹ Contrário, portanto, a outros filósofos empiristas que defendiam que o conhecimento se origina totalmente dos sentidos, como em Locke.

pressupõe que sejam seguidos padrões racionalmente estabelecidos por sujeitos livres. Reger a conduta é a função da Razão Prática.

E qual seria o princípio supremo da moralidade? O imperativo categórico. Trata-se de algo imperativo porque tem estrutura de ordem, comando; é categórico, porque aplicado de forma incondicional, apenas pelo fato de sermos pessoas racionais.

Ainda no campo da chamada razão prática, Kant distingue a moral do Direito, “entendendo que a primeira se ocuparia com o motivo da ação, que deveria identificar-se com o amor ao bem, enquanto para o segundo o relevante seria o plano superior das ações”.

A estrutura das regras morais e jurídicas, porém, segue a mesma lógica do dever-ser. No âmbito do direito, coube a Kant inaugurar a chamada Escola do Direito Racional, concebendo a liberdade como o valor máximo e fundamento da manifestação jurídica.

Seu pensamento repudia o conceito de justiça com base no critério utilitarista de maximização do bem-estar, bem como o critério aristotélico de valorização da virtude. Na sua visão, a justiça e a moralidade devem ser associadas à liberdade – mas não a liberdade de mercado, que, segundo Kant, envolve simplesmente a satisfação de desejos, mas sim uma concepção mais exaltada de liberdade.

Ao rejeitar o utilitarismo, entende Kant que o fato de uma coisa proporcionar prazer para alguém não é suficiente para ser considerado justo. Tampouco a moralidade deve ser baseada apenas em considerações empíricas, como interesses, vontades, desejos e preferências que as pessoas possam ter em determinado momento. Assim sendo, o autor chega a uma conclusão emblemática: fazer um homem feliz é muito diferente de fazer dele um homem bom. Assim, o princípio supremo da moralidade somente pode ser atingido por meio do exercício daquilo que ele denomina “pura razão prática”.

Essa razão prática tem por premissa a ideia de que os seres humanos são capazes de raciocinar e ser livres, não sendo os sentimentos de prazer e dor soberanos sobre nós. Em outras palavras, o ato de agir de forma livre consiste em uma forma de se desvencilhar dos instintos.

Nesse mesmo caminho, entende Kant que o respeito à dignidade humana exige que tratemos as pessoas como fins em si mesmas.

De igual forma, o valor moral de uma ação não pode residir em suas consequências, mas na intenção com a qual é realizada.

O que importa é o motivo, que deve ser de uma determinada natureza. O que importa é fazer a coisa certa porque é a coisa certa, e não por outro motivo exterior a ela.

Como síntese, podemos afirmar, sem dúvidas, que Kant é um intencionalista, ao contrário de autores como Stuart Mill, consequencialistas. Para Kant, o dever é uma etapa do pensamento moral que ajuda a refletir sobre a boa conduta, aproximando-se dela na medida em que se traduzir em imperativos universalizáveis (aquilo que deve se respeitar para agir moralmente bem).

Assim, a moral de Kant é rigorista, ou seja, o homem deve agir por puro respeito ao dever (grifo do autor/editor).

E a sua obra mais importante – Crítica da Razão Pura, é fundamental para a análise dos limites do conhecimento humano e, por sua vez, a teoria do conhecimento é completada por uma teoria da ação moral.

Frases de Kant

“A missão suprema do homem é saber o que precisa para ser homem”.

"Duas coisas que me enchem a alma de crescente admiração e respeito: o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim".

“O sábio pode mudar de opinião. O ignorante, nunca”.

“Não somos ricos pelo que temos, e sim pelo que não precisamos ter”.

“O juízo em geral é a faculdade de pensar o particular como compreendido sob o universal”.

“A felicidade é o estado no mundo de um ser razoável, a quem, em todo o curso da sua existência, tudo acontece segundo a sua aspiração e a sua vontade”.

“Age de tal modo que a máxima da tua ação possa valer sempre como princípio universal de conduta”.

Fontes

NADER, Paulo. *Filosofia do direito*. 21. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012, p. 183.

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro.

[illegible]

%%%

EIS O HOMEM - JOSÉ DO AMARAL FERRADOR

(publicado em www.jornalminuano.com.br)

José Carlos Teixeira Giorgis, Desembargador Aposentado

Em crônicas recentes tratei de um personagem que, segundo consta, dá nome a uma via ou a um local em nossa cidade. Estivera com Caxias na Revolução Farroupilha, embora incerta sua presença na tropa do militar quando este viveu um tempo em Bagé; e que, na época da insurreição foi, enviado à Corte por ele, em missão pessoal. Trata-se de Amaral Ferrador, cuja biografia, agora, achei na seção Almanaque Gaúcho (Zero Hora, 12/5).



Nasceu ele em 18 de julho de 1808 em Rio Pardo. O pai era um aventureiro de Taubaté chamado Jozé do Amaral e Silva que casou com Francisca Dorotéia da Silva, provavelmente indígena, moradora da região, então uma zona de disputa de fronteira entre portugueses e espanhóis, diz o periódico.

Ingressou cedo na carreira castrense tendo, com apenas 12 anos de idade, chegado ao quartel da cidade onde nascera.

Identificado como um rebelde antes de 1835
Amaral Ferrador foi capitão do Estado-Maior da

República Rio-Grandense.

No fim da Guerra dos Farrapos, lutou nas forças do Império, e depois, inclusive, na Guerra do Paraguai, onde o localizei no texto que escrevi. Chegou à patente de coronel da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul. Ele e a esposa Josefa Francisca do Amaral tiveram propriedade rural onde hoje fica o município que leva o seu nome. Possuíam escravizados. O casal teve uma única filha, Rosalina. Amaral Ferrador faleceu em 24 de maio de 1879, aos setenta anos.

Seu nome foi dado, em 1949, a uma localidade que antes pertencera à Encruzilhada do Sul. O lote original era a Sesmaria de Manuel Bueno de Vargas e de sua esposa Desidéria

Maria Prates, oriundos de Itu, interior de São Paulo. O município, antes, se chama Capela de São José do Camaquã, Freguesia de São José do Patrocínio, Vila de São José do Patrocínio e Abolição. Emancipado em 12 de maio de 1988, Amaral Ferrador fica no sul gaúcho. E tem pouco mais que cinco mil habitantes.

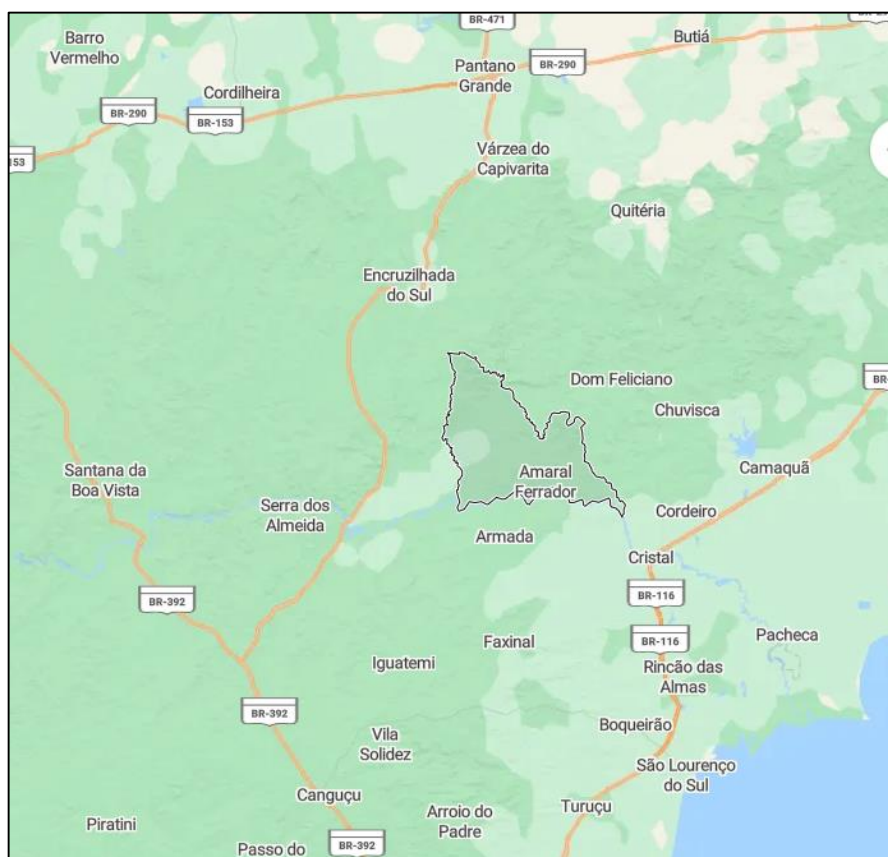
No ano passado foi lançado o livro "José do Amaral Ferrador: na trilha de sua memória", escrito por Diderô Carlos Lopes que conta a trajetória controversa do figurante, resgatando a genealogia da família, desde origens paulistas tropeiras de seus antepassados até seus descendentes, a partir de uma única filha. Aqui, não sei se o nome foi dado a uma rua ou um bairro. O que soube que ali atuava um time de várzea chamado Amaral Ferrador, cujo campinho ocupa área de uma quadra vazia, pouco distante da Praça João Pessoa e onde luziram grandes craques, depois atletas dos clubes locais. Imagens baixo:



Portal de Amaral Ferrador



Brasão



EM TEMPOS LÍQUIDOS, A SOLIDEZ DO CENTRO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA

Por Amílcar Macedo | 22 de maio de 2026



(Foto: CPOR/SP)

(Esta coluna reflete a opinião de quem a assina e não do Jornal O Sul. O Jornal O Sul adota os princípios editoriais de pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência).

Em uma época marcada pela velocidade das relações, pela fragilidade dos vínculos humanos e pela crescente dificuldade de convivência com limites, disciplina e frustração, talvez poucas instituições ainda consigam oferecer algo cada vez mais raro: formação de caráter associada a responsabilidade coletiva.

É nesse contexto que o CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) revela uma importância que ultrapassa, há muito, os muros dos quartéis.

O sociólogo Zygmunt Bauman descreveu a contemporaneidade como uma "modernidade líquida": tempos em que quase tudo se tornou passageiro, instável e descartável. Relações, valores, compromissos e até identidades parecem dissolver-se com facilidade. Vive-se a era do imediatismo, da exposição permanente e da dificuldade crescente de suportar contrariedades. Lideranças, muitas vezes, confundem popularidade com autoridade e visibilidade com exemplo.

O CPOR, de certa forma, caminha na direção oposta desse fenômeno.

Ali, jovens oriundos das mais diferentes origens sociais aprendem cedo que liderança não nasce do grito, da imposição ou da vaidade. Nasce do exemplo.

O oficial em formação compreende rapidamente que ninguém conduz um grupo apenas pela força da hierarquia formal.

A verdadeira autoridade é construída pela confiança, pela coerência e pela capacidade de assumir responsabilidades, sobretudo nos momentos difíceis.

E talvez resida exatamente aí uma das maiores contribuições silenciosas do CPOR para o Brasil.

Embora concebido para preparar oficiais da reserva do Exército Brasileiro, o CPOR sempre foi, também, uma escola de formação humana e cívica. Muitos daqueles jovens não seguirão carreira militar. Tornar-se-ão magistrados, médicos, advogados, empresários, professores, engenheiros, servidores públicos ou líderes comunitários. Contudo, levarão consigo algo que os acompanhará pela vida inteira: a compreensão de que liberdade e responsabilidade caminham juntas.

Em tempos de individualismo crescente, o ambiente militar ensina uma lição simples, mas poderosa: ninguém vence sozinho.

A rotina do CPOR ensina pontualidade, camaradagem, autocontrole, disciplina emocional, capacidade de trabalhar sob pressão e espírito coletivo. Mas ensina também algo ainda mais importante: a perceber que toda liderança legítima pressupõe serviço.

O bom comandante não é aquele que exige privilégios para si, mas o que assume primeiro os encargos e dá exemplo aos demais.

Essa talvez seja uma das diferenças fundamentais entre autoridade e autoritarismo, distinção cada vez mais necessária em sociedades polarizadas e marcadas por discursos radicais. O CPOR não forma apenas homens aptos ao comando; forma cidadãos capazes de compreender limites, deveres e responsabilidades institucionais.

E isso possui enorme relevância para além da esfera militar.

Em uma sociedade frequentemente marcada pela crise das lideranças públicas e privadas, pela intolerância ao contraditório e pela erosão do senso de comunidade, experiências formativas como a do CPOR adquirem valor ainda maior. Ali se aprende que disciplina não é humilhação; é preparação. Que hierarquia não significa submissão cega; significa organização funcional orientada ao interesse coletivo. E que liderança não é um espaço de privilégios, mas de responsabilidade acrescida.

Há, ainda, um aspecto humano frequentemente negligenciado. O CPOR aproxima pessoas diferentes em torno de objetivos comuns. Jovens de distintas origens econômicas, culturais e regionais convivem sob as mesmas exigências, compartilham dificuldades, superam limites físicos e emocionais e aprendem a confiar uns nos outros. Em tempos de fragmentação social, essa experiência possui enorme valor civilizatório.

Talvez por isso tantos ex-alunos do CPOR, décadas depois, ainda recordem aquela experiência como uma das mais marcantes de suas vidas. Não apenas pelas instruções militares, pelos exercícios ou pela farda, mas porque ali aprenderam algo que transcende a formação castrense: a consciência de pertencimento, dever e compromisso com algo maior do que si mesmos.

Em uma sociedade líquida, marcada pela transitoriedade das convicções e pela superficialidade das relações, instituições capazes de formar caráter tornam-se cada vez mais necessárias.

E talvez o maior legado do CPOR não esteja apenas nos oficiais que preparou para servir ao Exército Brasileiro, mas nos cidadãos que ajudou a formar para servir ao próprio país.

* Amílcar Fagundes Freitas Macedo - gabinete-amilcar@tjmrs.jus.br

O INFANTE QUE NASCIA E O "ETERNO" INFANTE

(um diálogo sobre valores, crenças, ideais e abnegação)

General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva

(O Futuro disse): Um dia, envoltos na poeira do caminho, eu vi os soldados que regressavam ao quartel. Seus rostos revelavam a dureza das jornadas passadas no campo.

Porém, o passo firme, o semblante altivo e a vibração com que entoavam um canto de guerra me deram a convicção de que eles eram um tipo especial de soldados.

Perguntei então ao meu pai. Que tropa é aquela? Quem são aqueles soldados?

(o "Eterno" respondeu): É a Infantaria, meu filho. E aqueles são os Infantes.

(o Futuro): E o que é a Infantaria? O que é ser Infante?

(o "Eterno"): A Infantaria é a massa de um Exército. É o conjunto das tropas que combatem constantemente a pé.

Os meios modernos tornaram-na mais ágil, móvel e letal, mas é a pé que ela consolida o cumprimento de suas missões.

No ataque, é a Infantaria que conquista uma posição e, na defesa, é ela que mantém ou recupera o terreno. Em síntese, é a Infantaria que decide o combate.

Filho, preste atenção!

“Depois que a torrente de fogo e aço desaba sobre o inimigo ‘em sua caverna’, é o infante, peito aberto, quem vai dar-lhe o ultimato esteja ele onde estiver. Ser infante é estar pronto para marchar na vanguarda e lançar-se no combate corpo a corpo. É ter o inimigo na mira do fuzil ou na ponta da baioneta. É ver o branco dos olhos do inimigo e fechá-los para sempre. É abraçar-se ao solo para progredir ou beijá-lo para morrer. É conduzir a Bandeira para plantá-la no objetivo final ou protegê-la com seu corpo contra a tentativa de um agravo. É, em síntese, o homem decisivo para garantir a conquista do mais importante anseio de uma nação em guerra – sobreviver!” (Autor desconhecido).

(o Futuro): E se houver poucas chances de triunfo na batalha e se a derrota for iminente? Já que é o infante quem está mano a mano com o inimigo, ele se rende ou luta até morrer?

(o Eterno): Não há uma fórmula para tais situações. O dever moral é o guia e ele mandará fazer o que for digno para a Nação, a quem todo soldado deve lealdade acima de tudo.

A guerra ocorre também na essência do homem e o espírito do infante é fortalecido na formação para não fraquejar diante dos maiores desafios.

Ser infante é um estado da alma, é o triunfo da vontade sobre a razão. Soldados assim lutam muito além do dever se for preciso.

(o Futuro, agora no Presente): Passados muitos anos, assim continuo vendo a minha infantaria na batalha: à sua retaguarda, a espera de todo um exército pelo êxito de sua arran-

cada ou defesa; à sua frente, a incerteza, o incógnito, o obstáculo composto por homens, máquinas e vontade, disposto a quebrar-lhe o ímpeto de vencer; e em seu interior, em sua alma, a força, a fé e uma inquebrantável consciência do dever ser e do dever fazer.

"A certeza de que, por princípio e por finalidade da Rainha das Armas, a ela estão reservados o mais árduo quinhão da batalha, o último lamento da derrota ou o privilégio de decidir o combate e abrir o caminho para a vitória"
- autor desconhecido -.

INFANTARIA SEMPRE!

@@

24 DE MAIO, O DIA DA RAINHA

Pesquisa pelo General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva (AMAN, Inf 73)

Textos em homenagem à Infantaria (cópia modificada das visões gerais criadas por IA)

Exército Francês. A "Rainha das Armas" é descrita na literatura francesa como símbolo máximo da coragem, resiliência e do sacrifício.

Oração do Infante (dedicada a São Maurício, Padroeiro da Infantaria Francesa)

Atribuída ao espírito do combatente francês, esta oração reflete a devoção, o fardo e a coragem do infante nos campos de batalha.

"Senhor, Vós que sois o Deus dos exércitos, concedei-me a força que sustenta o combatente. Fazei com que os meus olhos permaneçam claros e o meu passo firme. Dai-me a coragem de enfrentar o desconhecido e a tenacidade para cumprir o meu dever, mesmo quando a lama e o frio testarem a minha alma.

Que o meu sacrifício nunca seja em vão e que eu seja o escudo da minha pátria".

Exército Alemão. *O infante é considerado o verdadeiro sustentáculo do campo de batalha. O foco é o sacrifício e a coragem do combatente a pé.*

O General Rommel, *resumiu o espírito da Infantaria em seus textos:*

"O comandante de infantaria deve possuir não apenas conhecimentos táticos e discernimento, mas também uma coragem heroica e uma determinação de ferro para arcar com as maiores responsabilidades".

Ele valorizava o comando exercido na "linha de frente", onde o oficial marcha lado a lado com a tropa sob o fogo, construindo o moral pelo exemplo.

Exército dos EUA. *Adiante, vai uma síntese do orgulho, propósito e resiliência exigidos especificamente daqueles que possuem a insígnia da Infantaria.*

Credo do Soldado de Infantaria nos EUA:

"Eu sou a Infantaria. Eu sou a força do meu país na guerra, seu dissuasor na paz. Eu sou o coração do combate... onde quer que seja, quando quer que seja. Eu carrego a fé e a honra da América contra seus inimigos. Eu sou a Rainha da Batalha [-] Não abandono meu país, minha missão, meus camaradas, meu dever sagrado. Eu sou implacável. Estou sempre lá, agora e para sempre. Eu sou a Infantaria! Sigam-me!"

Exército Brasileiro - Infantaria:

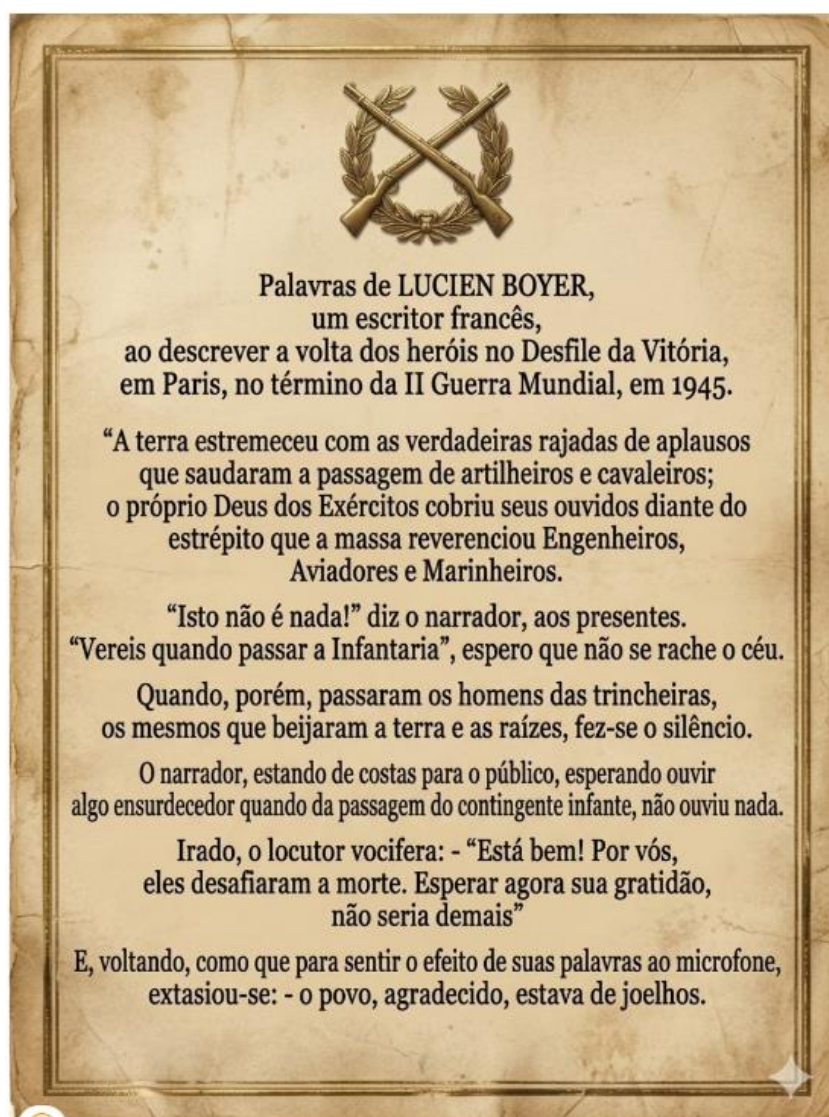
"Berço dos heróis que vivem (a) e altar dos heróis que morrem (b)" *resume o espírito de sacrifício, coragem e patriotismo que define esses combatentes na linha de frente.*

(a) representa a formação, preparação e vigor dos infantes ao ingressar na Arma. É a base onde o combatente forja a fibra, o caráter e a liderança.

***(b) reflete a abnegação e o sacrifício supremo. Simboliza os infant-
tes que tombaram em combate ou no cumprimento do dever, cujo
sacrifício é reverenciado com honras.***



%%



GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

A Primeira¹⁰ Batalha de Tuiuti - 24 de maio de 1866

Fonte: RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do - Efemérides Brasileiras. Brasília: Senado Federal, 1999, p. 254 e 255.

O Barão do Rio Branco, em suas Efemérides Brasileiras, acima referidas, interpretou e apresentou desta maneira (abaixo) a maior batalha campal da América do Sul.

Existem muitas outras visões da batalha. Esta, pela sua objetividade, está sendo publicada nesta oportunidade.

Na 3ª página, o mapa (ou croquis) da área da batalha, buscando situar o leitor em relação ao território do Paraguai. A região de Tuiuti é situada no extremo sudeste do território.

O Exército Aliado (Brasil, Argentina e Uruguai) apresentou nessa batalha 32 mil homens, sendo 21 mil brasileiros, sob o comando do general Osorio, então Barão de Herval, 10 mil argentinos e 1.200 orientais.

O General Bartolomeu Mitre comandava os argentinos e era ao mesmo tempo o Comandante-em-Chefe dos exércitos aliados; o General Venâncio Flores dirigia os orientais e tinha às suas ordens algumas forças destacadas do Exército Brasileiro e do argentino.

O centro e a esquerda da linha dos aliados eram ocupados pelos brasileiros, e no centro estavam também as tropas orientais.

Os argentinos formavam a ala direita do exército aliado.

Contra os brasileiros e orientais (centro e esquerda), o ditador paraguaio Francisco Solano López lançou 18 mil homens, em três divisões, comandadas pelo General Vicente Barrios, Coronel José Eduvigis Díaz Vera e Tenente-Coronel Hilario Marcó.

E contra os argentinos, a divisão do General Isidoro Resquín, composta de 6.300 homens.

¹⁰ A Segunda Batalha de Tuiuti foi ferida a 3 de novembro de 1867, também com derrota paraguaia.

As divisões brasileiras de infantaria eram comandadas pelos generais Alexandre Gomes de Argolo Ferrão Filho, Antônio de Sampaio, Guilherme de Sousa e Brigadeiro Vitorino José Carneiro Monteiro. A artilharia, pelo general Andréia¹¹.

As duas divisões de cavalaria, pelo general José Luís Menna Barreto e pelo coronel Tristão José Pinto; a Brigada Ligeira de Voluntários de Cavalaria, pelo General Antônio de Souza Neto.

Era chefe do Estado-Maior, no exército de Osorio, o Coronel Jacinto Pinto de Araújo Correia.

A derrota do ditador López foi completa. Ficaram no campo seis mil paraguaios mortos e 370 prisioneiros, e entraram para os seus hospitais sete mil feridos.

Foram tomados pelos brasileiros quatro canhões, duas bandeiras e um estandarte; pelos orientais, uma bandeira; pelos argentinos, três estandartes.

Os orientais perderam a bandeira de um dos seus batalhões; e os argentinos, dois estandartes de cavalaria.

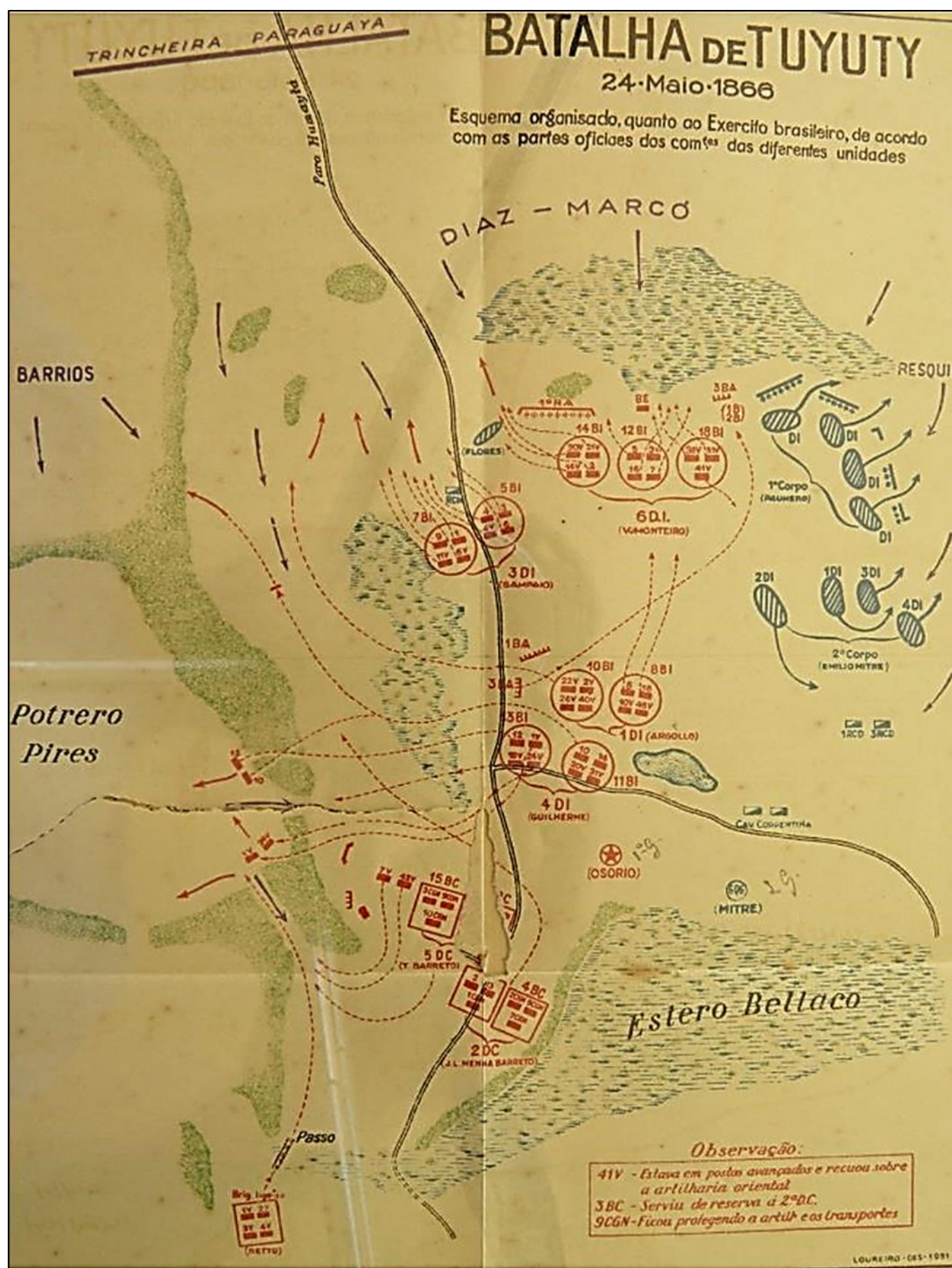
A perda do pessoal no exército aliado foi de 3.913 mortos e feridos, sendo brasileiros 3.011, argentinos 606 e orientais 296.

O principal esforço inimigo foi dirigido contra a divisão do General Antônio de Sampaio, que por isso sofreu grandes perdas. Sampaio foi ferido mortalmente¹² e faleceu em viagem para Buenos Aires.

Foram feridos levemente os generais Osorio e Guilherme de Sousa; mortos, os comandantes Rocha Galvão, do 3º de voluntários (Bahia), e Inocêncio Cavalcanti de Albuquerque, do 55º (Pernambuco), além de 60 outros oficiais; feridos, 169 oficiais brasileiros, entre os quais Guimarães Peixoto (do 1º de infantaria), doutor Píneiro Guimarães (do 4º de voluntários do Rio de Janeiro), Mallet (do 1º regimento de artilharia) e mais 11 comandantes.

¹¹ Engana-se Rio Branco. O comandante da artilharia brasileira era Emilio Luís Mallet e não o General Andrea (não Andréia). Mallet comandava o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo.

¹² No dia de seu aniversário de 56 anos.



Notas do Editor:

1) Tuyuti, "lama branca" em guarani, é um pântano com um lago localizado no canto sudoeste do Paraguai. O exército aliado acampou ali por dois anos. É uma região pantanosa, arenosa e de difícil locomoção.

2) Em 20 de maio, as tropas aliadas montam seu acampamento em Tuiuti.

3) No mesmo dia, ocorre a tomada do Passo-Cidra na região de Estero Bellaco, o que caracteriza a vitória na Batalha de Estero Bellaco.

4) Em 23 de maio, reuniram-se os chefes aliados em Tuiuti e resolvem comemorar o dia 25, data nacional argentina, homenageando Bartolomeu Mitre e executando um ataque geral às posições paraguaias que seria precedido de cuidadoso reconhecimento na tarde de 24. Na verdade, Lopez se antecipou a esse ataque e atacou antes.

5) A operação seguinte à Tuiuti foi uma vitória do Brigadeiro Vitorino José Carneiro Monteiro em contra-ataque a uma força paraguaia na região de Laguna Tranquera.

@@

“NÃO BASTA SER MILITAR – É PRECISO SABER SER MILITAR”

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano,
Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);**

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;

**Site do Núcleo de Estudos Estratégicos do CMS:
www.nee.cms.eb.mil.br;**

**Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis
de Guararapes: <http://historiapatriota.blogspot.com>**